

VENTOS

1232 Rubem BRAGA

Outro dia falei de árvores, hoje falei de ruas e casas. A Parahyba fica no Brasil e sofre (nós o vimos no Pilar) essas duas desgraças nacionais que encontraremos, a partir de mil novecentos e vinte, em toda cidade do interior deste longo país — a platibanda "futurista", em retas e ângulos retos, seco, desgraçada, comercial, e os ficus geometrizados das praças novas inventados ou reformados pelos prefeitos "progressistas" — essas botas, esses cabos, essas abandonias verdes entre os estúpidos postes metálicos com um globo em cima, e os bancos incômodos, ofertas de firmas da praça.

Mas em João Pessoa — encontramos algumas coisas realmente modernas — o edifício do IPASE domina uma das praças centrais — e ainda encontramos, na rua Nova e na rua Direita, alguns belos sobrados, objeto de um agudo e comovido estudo de Juarez Batista. "Caminhos, sombras e ladeiras". Das igrejas que vi, a mais bela é a de São Francisco, principalmente pelo seu adro imenso, de grandes lajes de pedra entre dois muros ornados de azulejos, vindo caprichosa fachada até perto do grande carneiro de pedra. O sr. José Américo quer fazer dessa igreja um museu, se Rodrigo Melo Franco o ajudar, e o bispo consentir. Valeria a pena, ao menos para evitar um sacrilégio tão grande como a construção desse estúpido altar-mór. Tem muita coisa bela para ver, como o trabalho em pedra com aproveitamento de motivos regionais — cajús e talvez mangabas, e o côro mabilado a jacarandá, a pintura ainda perfeita do fôrro, com uma deliciosa cena de Natal e, principalmente, um retrato pintado de São Francisco, ao lado do altar esquerdo.

Depois desse esplendor barroco e amável, descança a vista, entrar na igreja de São Bento, em sua simplicidade azul e branca. Mas a cidade está quente, corremos para Tambaú, onde o escritor José Américo, em suas funções de Governador, oferece um almôço a José Lins e à sua comitiva. Depois dessa generosa pescada fujo, com o amigo Paulo Mendes Campos, para a caric'a branca de duas rédes, na varanda da casa de um tio de Aderbal Jurema. Daqui só sairemos à tardinha para as águas do mar, essas águas que nos envolvem com seus carinhos mornos, essas águas tão gostosas como só raramente o homem de Copacabana pode gozar, pois lá ainda chegam as correntes frias vindas do Polo Sul.

Mas quando saio freqüentemente da rede para ir lá dentro abrir um côco verde e uma garrafa de uisque esbarro com um dos problemas que a nossa arquitetura moderna ainda precisa resolver: a casa, por dentro, é quente. Se abirmos todas as janelas, o vento será de mais. É claro que podemos refrigerar uma casa ou usar ventiladores; mas seria indecente, com o sudeste soprando tão fresco e tão constante na varanda. Aproveitar esse vento para refrescar a casa, captá-lo e amansá-lo para uso interno, eis o problema. Dar-lhe uma entrada e uma saída sem que, pela canalização ele aumente sua força; e ao mesmo tempo proteger a casa dos ventos ruins de chuva, tudo isso permitindo que do interior a gente goze a vista do mar — eis o problema que proponho aos nossos jovens arquitetos, até agora mais preocupados com as questões de sol e sombra que com a de calor e frio, que são, em praias como esta, função do vento.

Mas depois do banho de mar voltamos à rede, para esperar o jantar. E não há mais problemas nem de arquitetura nem de nada no mundo; o vento do mar é bom, as palmas dos coqueiros jarfalham, a rede se balança devagar.

26.2.52